



UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL - UFFS
CAMPUS ERECHIM
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

ÉVELIN DANIELE ALVES ESTRAI

**TENSÕES NAS INSTITUIÇÕES ESCOLARES: DISCIPLINA E LIBERDADE, UM
DIÁLOGO ENTRE FREIRE E FOUCAULT**

ERECHIM
2017

ÉVELIN DANIELE ALVES ESTRAI

**TENSÕES NAS INSTITUIÇÕES ESCOLARES: DISCIPLINA E LIBERDADE, UM
DIÁLOGO ENTRE FREIRE E FOUCAULT**

Trabalho de conclusão de curso de graduação
apresentado como requisito para obtenção de grau de
Licenciado em Pedagogia pela Universidade Federal da
Fronteira Sul – Campus Erechim.

Orientador: Prof. Dr Thiago Ingrassia Pereira

**ERECHIM
2017**

ÉVELIN DANIELE ALVES ESTRAI


TENSÕES NAS INSTITUIÇÕES ESCOLARES: DISCIPLINA E LIBERDADE,
UM DIÁLOGO ENTRE FREIRE E FOUCAULT

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado como requisito para obtenção de grau de Licenciado em Pedagogia pela Universidade Federal da Fronteira Sul - Campus Erechim.

Orientador: Prof. Dr. Thiago Ingrassia Pereira

Aprovado em: 15/02/2017

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Thiago Ingrassia Pereira (UFFS)



Prof. Dr. Adriana Salete Loss (UFFS)



Prof. Me. Silvana Regina Pellenz Jégar (SMED)

PROGRAD/DBIB - Divisão de Bibliotecas

Estrai, Évelin Daniele Alves

Tensões nas instituições escolares: Disciplina e Liberdade, um diálogo entre Freire e Foucault/ Évelin Daniele Alves Estrai. -- 2017.

47 f.

Orientador: Thiago Ingrassia Pereira.

Trabalho de conclusão de curso (graduação) - Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso de Pedagogia , Erechim, RS , 2017.

1. Disciplina e liberdade: processo de libertação para Paulo Freire. 2. Disciplina e liberdade no pensamento de Michel Foucault. 3. Diálogo entre Paulo Freire e Michel Foucault. I. Pereira, Thiago Ingrassia, orient. II. Universidade Federal da Fronteira Sul. III. Título.

Dedico este trabalho a todos que buscam na educação, a liberdade como centro de transformação social.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, que permitiu nestes cinco anos, prosseguir e realizar está graduação. A minha família, pelo apoio e incentivo nesta trajetória. As amigas, pelos diversos momentos de angústia e tensão, mas de muita alegria em que passamos juntas. Por estas amizades que se criou no decorrer destes anos.

Aos professores da Universidade Federal da Fronteira Sul- Campus Erechim, pelo conhecimento adquirido durante esta jornada acadêmica, perante oportunidade de crescimento acadêmico com base em diálogos, criticidade e reflexões acerca da prática educacional. Em destaque, agradeço ao professor Thiago Ingrassia Pereira pelas orientações e apoio ao decorrer do processo de construção da pesquisa.

O mundo encurta, o tempo se dilui: o ontem vira agora; o amanhã já está feito. Tudo muito rápido.

Paulo Freire

RESUMO

A presente pesquisa propõe uma reflexão sobre a temática das tensões promovidas entre disciplina e liberdade no âmbito escolar, analisando questões de autoridade e autoritarismo, assim como a disciplina coercitiva e libertadora. A disciplina tem um princípio basilar no âmbito educacional, pois está condicionada historicamente ao contexto escolar, sua estrutura está inerente nas práticas de poder sustentadas por meio do corpo e pelo modo que ele se comporta. Por sua vez, a disciplina ainda se segmenta como norteadora na busca da liberdade. Diante das tensões, contraditórias, mas existentes no âmbito escolar, dialoga-se com Freire e Foucault acerca do que é a disciplina, ressaltando como ela intervém em um espaço de liberdade e libertação, por meio do diálogo, se contrapõem as especificidades das análises conceituais. A metodologia utilizada nesta pesquisa é bibliográfica, utilizou-se de apreciações bibliográficas em uma abordagem de pesquisa qualitativa e hermenêutica, tendo como fonte, livros e artigos. Deste modo, conclui-se que a disciplina está permeada no campo educacional e as tensões provocadas entre a disciplinarização e a libertação condizem as práxis da transformação educacional e a resistência contra o poder alienante e mecanizado.

Palavras-chave: Disciplina. Liberdade. Paulo Freire. Michel Foucault.

ABSTRACT

This research proposes a reflection about the subject of tensions between discipline and liberty in the scholar environment, analyzing questions of authority and authoritarianism, as well as coercive and libertarian disciplines. The discipline has a main standing in the scholar realm, because it is historically conditioned to the scholar context, its structure is inherent in the power practices sustained by means of the body and the way it behaves disciplines are still segmented as a north for the search of liberty. Considering the tensions, contradictories, but existent in the scholar environment, a dialogue with Freire and Foucault about what a discipline is, focusing on how it intervenes in a space of liberty and freedom, through dialogue, contrapose the specificities of conceptual analysis. The methodology used in this research is bibliographical, using bibliographical appreciations in a qualitative and hermeneutical approach, utilizing as a source books and articles. As such, one concludes that the disciplines appear to permeate the educational environment and the tensions provoked between becoming a discipline and being freed from it conduce to the praxis of educational transformation and the resistance against the mechanical and alienating power.

Key-words: Discipline. Liberty. Paulo Freire. Michel Foucault.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	11
2 DISCIPLINA E LIBERDADE: PROCESSO DE LIBERTAÇÃO PARA PAULO FREIRE	15
3 DISCIPLINA E LIBERDADE NO PENSAMENTO DE MICHEL FOUCAULT	26
4 DIÁLOGO ENTRE PAULO FREIRE E MICHEL FOUCAULT	33
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	43
REFERÊNCIAS.....	46

1 INTRODUÇÃO

A relevância educacional do problema a ser investigado visa compreender as tensões que ocorrem nas escolas diante dos conceitos de disciplina e liberdade. No âmbito escolar, os espaços, a conduta e o modo de agir são observados permanentemente, dentro destes quesitos são indispensáveis atitudes disciplinares. Salienta-se a questão da autoridade inerente nas práticas de coerção aos alunos, a qual objetiva comportamentos disciplinares, oprimindo-os, moldando-os e deixando-os corpos dóceis e manipuláveis para com as práticas educacionais ou comportamento em distintos espaços.

Em vista disso, buscou-se pesquisar o tema na perspectiva de autores como Paulo Freire na linha da educação e Michel Foucault em uma vertente filosófica. A proeminência do tema é de plena importância para formação acadêmica na área da educação, pois apresenta elementos que conduzem a autonomia dos alunos. Permite-nos reconhecer à prática docente autoritária, e assim romper o currículo como fonte de poder, permeando no campo escolar processos educativos que envolvam os alunos a assumirem um papel libertador.

Contudo, o estudo inferido, busca compreender até que ponto as escolas disciplinam os alunos em uma condição de autoridade e como a disciplina passa ser licenciosa no processo de formação de sujeitos que já estão conduzidos a uma prática docente empoderadora. Deste modo, a concretização do estudo partiu de uma questão central: Como se dá a tensão entre liberdade e autoridade na escola a partir de Michel Foucault e Paulo Freire? Por meio desta questão, o trabalho incide em compreender as tensões provenientes do espaço escolar, baseada no contexto de cada autor, analisando os conceitos que contrapõem e conjugam essas tensões.

Nesta perspectiva, este trabalho, designado “*Tensões nas instituições escolares: Disciplina e Liberdade, um diálogo entre Freire e Foucault*”, preocupou-se especificamente em compreender: o conceito de disciplina e liberdade para Paulo Freire; o conceito de disciplina e liberdade para Michel Foucault e os conceitos de disciplina e liberdade inerentes na conjunção das tensões escolares.

Diante das constatações, Foucault (1999) cita referente aos espaços, que é importante o estabelecimento de regras que indicam a presença e a ausência dos indivíduos, podendo a cada momento ter a vigília dos comportamentos dos sujeitos, assim o espaço possibilita conhecer, vigiar, dominar, manipular e enquadrar as pessoas nesta ideologia de espaço.

Em referência a esta realidade, justifica-se a necessidade de compreender conceitos de disciplina, liberdade, autoridade, licenciosidade e poder, conceitos que estão intrínsecos nas

tensões escolares. Por meio de Paulo Freire e Michel Foucault serão desencadeadas tais especificidades, contrapondo um diálogo entre os autores, os quais fomentam a compreensão das tensões escolares.

Freire (2013) retrata que é pelo poder invisível dos alienantes que a domesticação busca alto índice de “burocratização da mente”, deste modo, Paulo Freire busca uma liberdade disciplinada, com limites, mas não asfixiada ou castrada. Portanto, é cabível citar que enquanto o aluno estiver apenas “programado para aprender” estará sendo moldado numa condição de ruptura centralizado no poder escolar, como Michel Foucault cita, práticas que envolvam relações de poder disciplinar no adestramento dos sujeitos.

Busca-se citar que a liberdade é imprescindível na formação de alunos críticos, reflexivos e livres, libertos das condições manipuladoras e coercitivas. Contudo, de acordo com Freire (2013) a liberdade amadurece no confronto com outras liberdades, situando uma liberdade da defesa de sua autoridade e não de seu autoritarismo.

A metodologia usada para sistematizar a pesquisa, utilizou-se de apreciações bibliográficas, com uma abordagem de pesquisa qualitativa e hermenêutica, tendo como fonte, livros, artigos e teses com a finalidade de destacar as contribuições teóricas e concepções acerca do assunto pesquisado. A pesquisa bibliográfica permite alcançar muitas informações, auxiliando na construção, ou seja, na melhor definição do quadro conceitual que envolve o objeto de estudo proposto. A pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em materiais já constituídos, entre eles livros e artigos científicos. (GIL, 1994).

A pesquisa qualitativa age de modo peculiar, o foco dela é nas ciências sociais, em uma realidade que não se pode quantificar. Essa pesquisa trabalha em diferentes aspectos, minúcias que correspondem a um espaço, a processos e relações com o objeto. Deste modo, por meio da pesquisa qualitativa, buscou-se uma análise na linha da educação, em voga uma reflexão filosófica em que se evidenciam as relações sociais, tanto na sua compreensão e explicação. (MINAYO, 1994).

As pesquisas hermenêuticas utilizam na maioria das vezes técnicas qualitativas, em que os indivíduos possam se manifestar intersubjetivamente, entre o sujeito e o objeto a ser pesquisado. Neste sentido, Gamboa (2006) cita que os objetos de pesquisas são explorados a fim de compreender seu real sentido, mesmo em diferentes contextos que se aplica. A partir disso, Gamboa (2006, p.115) corrobora citando que “a compreensão dos fenômenos implica necessariamente a recuperação dos contextos de significação ou os horizontes de interpretação. A palavra se entende no texto e o texto no contexto, sendo este último o que revela seu verdadeiro significado”.

O embasamento teórico diante de um tema a ser projetado, visa de acordo com Miotto e Lima (2007) uma reflexão de um conhecimento concreto da realidade, analisado criticamente para realizar uma análise real do conteúdo. A pesquisa bibliográfica dispõe a busca de resultados para a problematização em foco, por meio de diferentes referenciais teóricos, pode-se analisar, dialogar e discutir o enredo do tema.

A pesquisa bibliográfica é um procedimento importante na produção do conhecimento científico, pois, por meio dele é possível gerar discussões e diálogos acerca de temas pouco abordados, no caso na área da educação, possibilita outras vertentes para progressão desta pesquisa. Deste modo, Gil (2002) aborda que a pesquisa bibliográfica é indispensável nos estudos históricos, pois, possibilita que o investigador conheça os fatos passados com base em dados bibliográficos, fomentando um retrospecto com temas atuais e transcendentais ao tempo.

A divisão dos capítulos ao longo da pesquisa ocorreu da seguinte maneira. Inicialmente será apresentado sobre *Disciplina e liberdade: processo de libertação para Paulo Freire*, neste capítulo levanta-se apontamentos sobre a liberdade e autoridade, licenciosidade e autoritarismo. Para enfatizar mais a discussão, apresenta-se questões norteadoras na emancipação libertadora dos sujeitos que estão inseridos em um espaço educacional, com base na disciplina.

No terceiro capítulo, *Disciplina e liberdade no pensamento de Michel Foucault*, são apresentados pontos centrais que direcionam a disciplina como forma de poder e dominação, vigília e adestramento dos indivíduos no espaço escolar, assim como a coerção dos corpos como aparelho repressivo a fim de ser um mecanismo a propósito de uma sociedade empoderadora.

Deste modo, o quarto capítulo, *Diálogo entre Freire e Foucault*, apresenta as distinções dos conceitos entre os autores e que modo são explanados diante da perspectiva escolares, apresentando quais são as tensões promovidas dentro deste espaço. Os autores fomentam ideais diferentes, mas conjugam do mesmo propósito quando citado ao contexto da formação de indivíduos, cada qual com uma perspectiva, sendo assim promove-se convergências acerca dos conceitos abordados.

Nas considerações finais, baseada nos conhecimentos teóricos apresentados, serão evidenciadas conclusões acerca do estudo pesquisado e suas distintas vertentes, ou seja, apresenta qual a relação identificada diante dos autores pesquisados decorrentes da apreciação dos conceitos inerentes no espaço escolar.

Deste modo, a partir deste Trabalho de Conclusão de Curso, por meio das análises bibliográficas e a metodização dos conhecimentos científicos produzidos, pretende-se demonstrar como se dá as tensões conceituadas no espaço escolar, explanando-as como cada

uma interfere e compunha a formação dos sujeitos dentro das práticas educativas na educação libertadora.

2 DISCIPLINA E LIBERDADE: PROCESSO DE LIBERTAÇÃO PARA PAULO FREIRE

A disciplina é um princípio basilar para o ato de liberdade dos sujeitos que estão envolvidos historicamente ao contexto escolar. Paulo Freire enfatiza os conceitos disciplina e liberdade como conceitos interligados e inseparáveis. Neste viés, cabe destacar as relevâncias históricas de Paulo Freire subsidiando as especificidades no contexto educacional.

Paulo Freire foi um grande educador, renomado pelos métodos inovadores de alfabetização. Nasceu em 19 de setembro de 1921 em Recife. Graduiu-se pela Faculdade de Direito de Recife. Tivera uma curta carreira na advocacia, ensinou português para ensino médio (1941- 1947). Ficou reconhecido pela experiência em alfabetização no Nordeste. Em 1964 foi obrigado ao exílio na Bolívia, em seguida em outros países. Em 1969 tornou-se professor na Universidade de Harvard, e em seguida foi convidado para exercer cargo de educador na Universidade de Cambridge.

Uma das mais conhecidas obras de Paulo Freire é *Pedagogia do Oprimido* (1970), foi publicado pela primeira vez em espanhol e inglês e só chegou no Brasil quatro anos mais tarde a sua publicação, isto causado pela ditadura militar e pela censura que ocorrerá no país neste período.

Na década de 70, Paulo Freire juntamente com outros exilados fundaram o Instituto de Ação Cultural (IDAC), que objetivava serviços educativos e movimentos populares. Neste período, também atuou como conselheiro na reforma educacional na África, projetando o desenvolvimento do programa nacional de alfabetização. Em 1980, retornou para o Brasil para deixar seu marco na ciência pedagógica, com suas obras e discursos em torno da educação libertadora.

Scocuglia (1999) apresenta as relações entre a educação e a política ao decorrer do tempo, por meio do pensamento discursivo de Paulo Freire, edificando a inseparabilidade de educação e política provável do pensamento político pedagógico, evidenciando assim, as relações por meio do progresso do discurso de Freire. Na década de 1960 até a primeira metade dos anos 80 os trabalhos de Paulo Freire eram referenciados nas suas primeiras reflexões relacionados com a experiência da alfabetização de adultos, conhecida como “método Paulo Freire”. A relação entre educação e política sofre mudanças ao escoar do tempo pelo discurso de Freire. Nos anos 70 Freire começa a produzir registros sobre a união destes conceitos e, a partir disto, houve interesse em entender as especificidades de cada um.

Para análise do percurso e das obras de Freire é necessário seguir dois caminhos: histórico e dialético. O caminho histórico refere-se à produção discursiva, contextualizada a teoria e prática, apreendendo as propostas políticas educativas em tempo e espaço. O caminho dialético compreende o discurso de modo a interiorizar, ou seja, o compreender sua totalidade e contradições. O discurso de Freire na obra *Pedagogia do Oprimido* denuncia a opressão e a educação bancária e apresenta uma educação problematizadora e dialógica. Ao discursar, Freire propõem uma ação dialógica, cita as dificuldades dos oprimidos frente à dominação dos opressores, ao autoritarismo e a precariedade de grande parte das escolas, que cada vez mais tornam-se “fábricas de analfabetos”. (SCOCUGLIA, 1999).

Em obras como *Educação como prática da liberdade*, destaca-se a problemática, em que Freire cita referente a consciência do povo, dos problemas que envolvem o tempo e o espaço que estão inseridos, provocando uma ideologia do desenvolvimento na importância de educar as massas populares em uma educação crítica e participativa aos interesses nacionais. A consciência crítica é um dos meios para a conscientização e o diálogo realiza a intermediação e conduz o entendimento ao desenvolvimento de todos, e não apenas das classes dominantes, uma educação voltada a prática educativa libertadora e democrática. (SCOCUGLIA, 1999).

De acordo com Scocuglia (1999) na obra de Freire *Ação cultural para a liberdade e outros escritos*, a educação começa a ser pensada interiormente aos conflitos de classes, como o ato de conhecer, mobilizar e organizar os oprimidos, por meio da ação cultural que visava a consciência de classe. Em seguida, o discurso de Freire apontava a teologia da libertação, antidogmatismo, sem autoritarismo e contra a ditadura, Freire partia da premissa de políticas educativas nos alicerces da democracia, que fortalecesse a radicalidade democrática. Se o indivíduo for conhecedor e consciente da opressão, logo conseguirá combater esta ideologia dominante do opressor que se hospeda na ingenuidade da consciência de quem é oprimido, só assim, terá um caminho para a política da emancipação e o fim da “desumanização opressora”.

A ação cultural dita por Freire não pode sobrepor-se a visão de mundo dos alunos e nem invadir culturalmente este espaço, o educador deve partir deste contexto, como uma problemática, ou seja, exercer com os alunos uma visão crítica e lúcida sobre os fatos discutidos e assim, inserir-se neste contexto de maneira real, podendo então, transformar-se criticamente por meio do diálogo, assumindo um espaço de sujeitos cognoscentes. (FREIRE, 1981).

Contudo, Freire em seus últimos escritos empregou-se na criação histórica dos trabalhadores, professores, alunos, escolas, mostrando assim, que a educação só seria real quando houvesse mudanças na sociedade, na política dos indivíduos, no cotidiano de cada um e no coletivo de um todo. Em que a educação fosse resistente, contra a exploração e a opressão,

que a educação fosse em prol da autonomia, uma educação que forme cidadãos completos em sua formação. (SCOCUGLIA, 1999).

Para Paulo Freire o processo pedagógico deve ser norteado em uma vertente libertadora, assim, conceitua a disciplina como item primordial quando inferido no quesito de uma educação discursada de modo crítico e democrático. Nas palavras de Ghiggi (2008), disciplina para Freire está ligada a introjeção de uma democracia construtiva, em que a disciplina é incorporada nos mais distintos modos, na leitura, no ato de ensinar, no contexto do aluno, nas ações coletivas, nas práticas políticas educacionais e na boniteza do ser.

Deste modo, Freire (1989) cita que a escola em sua época de estudante não era autoritária, mas ela caminhava em uma proposta de autoridade avante a liberdade dos alunos. Neste sentido, Freire faz uma análise do período como discente, o qual considerava uma educação democrática em que a autoridade da professora fazia que a liberdades dos alunos se constituíssem processualmente.

Freire (1989) aborda que muitas vezes se consideram autoritários todos os modos ratificados como autoridade, assim, há uma preocupação por parte do autor em não haver essa confusão entre autoridade e autoritarismo. Freire ainda aborda que enquanto professor, não se deve renunciar a autoridade em sala, pois assim, ocorre um desmoralizamento do próprio discurso e sem este discurso não existe autoridade, nem disciplina e progressivamente nem a liberdade dos alunos.

Freire (1989, p.5) cita referente a confusão entre autoritarismo e a verdadeira autoridade:

É preciso separar esses “traços” e criticar, dizer não. A autoridade é necessária como a liberdade. É preciso deixar de aceitar de um lado o autoritarismo e, do outro, a licenciosidade. Porque na licenciosidade tu também não tens a liberdade, tu tens anarquia, não só no sentido filosófico, tu tens “nada”, tem “bagunça”.

A disciplina acerca da autoridade se caracteriza como “[...] uma das tarefas da autoridade, é trabalhar no sentido de a liberdade assumir a disciplina como necessidade [...]. Para isso a autoridade tem que ser séria, coerente, [...] a liberdade precisa encontrar uma razão de ser de crença da palavra e do testemunho da autoridade”. (FREIRE, 1989 p.4).

Em vista disso, Paulo Freire refere-se à disciplina como uma necessidade abstrata, algo que deve estar intrínseco nos indivíduos. A disciplina é muito mais que apenas algo a ser praticado, ela é permeada de aspectos sociais se vinculado com o meio que está inserido, sendo cada vez mais confundida com o paradigma do poder, poder este, que dogmatiza as estruturas das escolas, que está inerente nas práticas pedagógicas mecanizadas e tradicionais.

Não há liberdade sem disciplina, ou seja, sem ter limites não se tem o caminho para a disciplina. A autoridade é uma obra da liberdade, em certo momento da experiência da liberdade, há um confronto em suas individualidades, assim precisam de algo ao seu contrário para manter sua preservação, então neste momento se conjuga que a autoridade é absolutamente necessária para a liberdade, assim como ela limita a liberdade, também se auto limita, pois quando há um excesso de autoridade pode haver o perigo do autoritarismo. Portanto, o equilíbrio entre ambas é muito importante, na medida em que a relação entre elas se inclinam, no sentido da fortaleza de uma, contra a debilidade da outra desaparece a disciplina em termos práticos e éticos. (FREIRE, 2013).

A disciplina para Paulo Freire deve estar ligada aos objetivos da escola numa dimensão construtivista, praticada pelas competências dos educadores na busca da liberdade individual dos educandos. Nesta perspectiva, não cabe lidar com a disciplina como um instrumento de poder, com dominação nas práticas, elas não devem estar imbuídas de coerção e de vigilância. O aluno deve ser um sujeito ativo neste processo e não um objeto passivo de “domesticação”, Freire (2013, p.53) refere-se ao mundo em que as pessoas devam se perceber como seres inseridos neste espaço e não adaptados a ele, pois “é a posição de quem luta para não ser apenas objeto, mas sujeitos também da história”.

Neste contexto de alunos ativos, no processo de ensino até a formação da capacitação de criticidade e escolhas, temos uma equidade relevante entre disciplina e autodisciplina, a disciplina implica-se em movimentar-se no mesmo sentido do auto disciplinamento, ou seja, a indisciplina se compõe pela falta de autodisciplina e disciplina. Neste caso, tem-se um exemplo de sujeitos que agem com indisciplina e licenciosidade. A disciplina se distingue da indisciplina pelo fato em que os indivíduos praticam o que querem fazer, mas em torno do que é possível diante da disciplina. Neste pressuposto que Freire salienta a questão da imensurável importância da autoridade para o burilar da disciplina externa e interna nos sujeitos. (FREIRE, 1989).

Quando Freire fala da autoridade dos educadores, ele insiste em distinguir a autoridade do autoritarismo, outro exemplo deste desígnio se intensifica quando um professor inibe o interesse do aluno, impondo-lhe limites a sua curiosidade, neste sentido quando o professor se “furta ao dever de ensinar” ele está sendo autoritário, podando a liberdade do aluno e ratificando seu poder em uma postura licenciosa.

A visão de liberdade para Freire tem uma posição relevante na prática educativa, ela se constitui como base para se obter efetividade na participação livre e crítica dos educandos, para tanto, a liberdade é um dos princípios primordiais na estrutura de uma escola que não seja autoritária na sua estrutura e nem em sua tradição. Neste mesmo foco, Freire aborda a liberdade

não apenas como um conceito, mas na essência de sua instauração humana, algo que é legítimo e permeado na concepção escolar, Freire (1967, p.6) cita referente a liberdade:

[...] educação como prática da liberdade. Trata-se, como veremos, menos de um axioma pedagógico que de um desafio da história presente. Quando alguém diz que a educação é afirmação da liberdade e toma as palavras a sério — isto é, quando as toma por sua significação real — se obriga, neste mesmo momento, a reconhecer o fato da opressão, do mesmo modo que a luta pela libertação.

Quando se nega o diálogo, quando suprimida a liberdade dos educandos, pode-se analisar um espaço de opressão, massificação dos corpos, a dominação é vencida, a liberdade temida, suas formas de agir são direcionadas quando prescritas, impostas, neste momento, o aluno é apenas conduzido, não tem o poder de criar, passa a ser um objeto, modificado pelo autoritarismo, o indivíduo é apenas um reflexo, alienado por uma educação controladora. Neste sentido, em uma educação mecanizada e domesticada o aluno é visto como homem/ objeto, já em uma educação com base na liberdade o aluno passa a ser homem/ sujeito. (FREIRE, 1967).

No âmbito escolar, não pode ocorrer a exacerbação da autoridade do educador, pois em sequência ela se destina ao autoritarismo, neste foco, também não se pode anular a autoridade do professor, se o educador conjugar este acontecimento ele estará agindo sobre a licenciosidade. Neste viés, Freire cita que não se nega a liberdade e nem exacerba da autoridade, quando ambas entram em conflito, atrofia-se uma e hipertrofia a outra, não permitindo o início de uma democracia. (FREIRE, 1992).

“A liberdade precisa de autoridade para se tornar livre”. (FREIRE e SHOR, 1986, p.61). Nas palavras de Freire obtém-se que a autoridade se fundamenta da liberdade dos outros, assim, quando a autoridade nega essa liberdade, pode-se afirmar que não é mais autoridade, mas sim, autoritarismo. Tem-se deste modo, a aplicabilidade de uma pedagogia do silêncio, licenciosa e de imposição, que denega a libertação e a democracia. Nesta mesma perspectiva, Freire aborda o quão importante é a dialogicidade no movimento de uma pedagogia crítica e democrática, logo, “o diálogo não tem como meta ou exigência que todas as pessoas da classe devam dizer alguma coisa, ainda que não tenham nada a dizer! ”. (FREIRE e SHOR, 1986, p.67).

Um exemplo de autoridade em sala de aula é representado quando Freire refere-se à educação bancária, em que o aluno é apenas receptor, a ação do sujeito se retém aos depósitos que o professor propunha. No entanto, o autoritarismo se promove quando o professor se julga sábio perante os que são julgados a nada saber, onde se promove a ideologia da opressão com foco apenas na transferência de conhecimentos e valores, resultante desta prática, obtém-se a desarmonia do aluno/professor, na domesticação e desumanização do ser. O verdadeiro saber é

construído junto com os alunos, na prática problematizadora, na inserção dos alunos em um processo de criticidade, reflexão e desvelamento da realidade, para tanto está educação promoverá o ato de ser livre. (FREIRE, 1987).

Com base no discurso da autoridade inerente na liberdade, Freire (2013) refere-se que é necessário que a disciplina fomente o respeito e a reciprocidade entre autoridade-liberdade, sem a disciplina não se obtém o respeito mútuo e nem limites ao processo de liberdade e autonomia dos sujeitos. Neste viés, o autoritarismo e a licenciosidade violam a harmonia entre a autoridade e a liberdade, elas se caracterizam como formas comportamentais indisciplinadas, ou seja, o autoritarismo é a favor da autoridade, mas que essa, confronte com a liberdade de modo a não manterem um elo, e a licenciosidade está em uma perspectiva de liberdade que rompe com a autoridade.

Deste modo, a licenciosidade caracteriza-se como uma forma indisciplinada de se comportar, a qual por meio dos comportamentos negam a existência ontológica do humano, pois quando a liberdade do sujeito não tem limites, ela é indisciplinada, logo é uma liberdade licenciosa. Ainda nesta direção, a liberdade se define a partir da fala, da criticidade da reflexão, uma liberdade da curiosidade, contra a opressão, vivida e sentida sem medo, essa liberdade que Freire condiz nas práticas docentes, disciplinadas, que envolvam os discentes a terem uma liberdade democrática. (FREIRE, 2013).

Neste cenário, a autoridade / autoritarismo, Freire exemplifica como inexistente ou desassociada a disciplina no autoritarismo ou na licenciosidade, deste modo é recíproco, pois em ambos, autoritarismo ou licenciosidade não se tem a liberdade e nem autoridade. “[...]. Somente nas práticas em que autoridade e liberdade se afirmam e se preservam enquanto elas mesmas, portanto no respeito mútuo, é que se pode falar de práticas disciplinadas como também em práticas favoráveis à vocação para o ser mais.” (FREIRE, 2013, p.86).

Muitas vezes as escolas são classificadas como espaços autoritários e inexoráveis, por serem historicamente conceituadas pelo modo dos professores atuarem e como os espaços físicos eram e ainda são dispostos. Por consequência, os termos liberdade e autoridade tornam-se difíceis de compreender quando aplicados no contexto educacional relevantes as raízes históricas.

Neste viés histórico e político que Freire se contrapõe aos paradigmas dogmatizadores das escolas, para Freire (1997) a disciplina e a autoridade não ocorrem no imobilismo, a ação na liberdade verbaliza com a autoridade, a liberdade sem movimento acarreta em uma autoridade que propaga o que deve ser imposto aos sujeitos.

Ademais, Freire (1997, p,77) cita:

Só há disciplina [...] no movimento contraditório entre a coercibilidade necessária da autoridade e a busca desperta da liberdade para assumir-se. Por isso que a autoridade se hipertrofia em autoritarismo ou se atrofia em licenciosidade, perdendo o sentido do movimento e perde a si mesma e ameaça a liberdade [...]. A liberdade imobilizada por uma autoridade arbitrária ou chantagista é a liberdade que, não se tendo assumido, se perde na falsidade de movimentos inautênticos.

Como dito, a liberdade deve estar contextualizada com a disciplina, ambas devem estar em equilíbrio. Para que esta liberdade esteja imbuída de disciplina, dever haver um movimento dialético entre o espaço escolar, educadores e educandos, em que o processo educacional esteja arraigado de bom senso, “de inteligência”. Ao mesmo tempo, se visibiliza uma educação “bancária”, barrando a liberdade e a curiosidade dos educandos pelo fato de introduzirem ao contexto educacional apenas a memorização, em uma ideologia fatalista e precária.

Ademais, Freire (2013) refere-se que a criticidade quanto mais homogeneizada com a liberdade mais limites ela terá, quando o educador não deixar que a indisciplina desestabilize o seu contexto pedagógico ele atuara sem a licenciosidade, assim possibilitando uma autoridade ética apropriada a uma educação libertadora.

De acordo com Freire (1997, p.60) a liberdade do educando assim como a ética do educador são elementos inexoráveis na prática de uma educação democrática:

[...] como a liberdade do educando, na classe, precisa de limites para que não se perca na licenciosidade, a voz da educadora e dos educandos carece de limites éticos para que não resvale para o absurdo. É tão imoral ter nossa voz silenciada, nosso “corpo interdito” quanto imoral é o uso da voz para falsear a verdade, para mentir, enganar, deformar.

De acordo com Freire (2000), é por meio da aprendizagem perpetrada nos espaços educativos e nas práticas pedagógicas, embasada na autonomia do educando por meio da autoridade (disciplina) e a liberdade, que se pretende praticar uma educação democrática em que se tenha cautela a sua própria liberdade, sabendo os limites e as possibilidades e, assim, deixar de serem antagônicas entre si.

A educação libertadora de Freire vem contra a opressão e a domesticação dos sujeitos, não abordando mecanismos que incapacitam os alunos, mas sim que exercitem aos educandos a liberdade, quanto mais habilitada, mais ética ela se tornará, e como consequência tem-se a assunção da responsabilidade de suas ações, como dito anteriormente, o indivíduo assume uma postura de autodisciplina condizente ao espaço inserido. (FREIRE, 2013).

O professor tem papel fundamental no processo de construção da disciplina dos educandos, os estímulos, orientações e autoridade, são pontos a serem assumidos pelos indivíduos. Neste modo, Chiggi (2011) menciona que quando Paulo Freire pensa em uma educação libertadora, se pensa na disciplina a ser trabalhada a serviço da construção de uma sociedade justa. Para isto, a escola deve ter abertura para o diálogo dentro de sala de aula, obstruindo ideologias tradicionais do âmbito escolar e, com base nisto, promover o discurso da libertação.

Na educação libertadora, o professor nunca agirá com manipulação, dominação e jamais fará uma transferência de conhecimentos. O educador trabalhará junto com o educando, em um papel significativo e diretivo. Não obstante, para compreender o do professor neste processo, segundo Freire e Shor (1986, p. 62):

O educador continua sendo diferente dos alunos, mas – e esta é, para mim, a questão central – a diferença entre eles, se o professor é democrático, se o seu sonho político é de *libertação*, é que ele não pode permitir que a diferença necessária entre o professor e os alunos se torne “antagônica”. A diferença continua a existir! *Sou* diferente dos alunos! Mas se sou democrático não posso permitir que esta diferença seja antagônica. Se eles se tornam antagonistas, é porque me tornei autoritário.

Quando a prática do educador for embasada no antidiálogo, tratando os alunos como objetos passivos, a pedagogia proposta não passará da licenciosidade, uma pedagogia do assistencialismo, onde a escola não será um espaço democrático e nem tampouco promovedor da criticidade e da reflexão dos educandos como seres pensantes. (FREIRE, 1992).

A despeito do assistencialismo, Freire (1967, p.57) refere-se que neste processo de educação assistencialista “[...] não há responsabilidade. Não há decisão. Só há gestos que revelam passividade e “domesticação” do homem. Gestos e atitudes. É esta falta de oportunidade para a decisão e para a responsabilidade participante do homem, [...].” Deste modo, Freire salienta que neste processo alienado o sujeito será apenas um objeto, não sendo cabível confrontar ideias precisas de criticidade.

Quando o sujeito viver em um contexto escolar democrático, vinculado em um processo de disciplina e autoridade, respectivamente será um sujeito capaz de viver em sua liberdade, essa, que tem como propósito ir além dos muros escolares. É por meio da educação, das práticas educativas que Freire salienta a emancipação do sujeito, por meio de professores progressistas que visam o caminho de uma educação libertadora.

Neste mesmo foco, Freire (2013, p.20) cita que “[...] é no domínio da decisão, da avaliação, da liberdade, da ruptura, da opção, que se instaura a necessidade da ética e se impõe

a responsabilidade. A ética se torna inevitável e sua transgressão possível é um desvalor, jamais uma virtude”. A ética para Freire é contundente a prática educacional, o espaço escolar deve ser movido por valores que invoquem responsabilidade com os sujeitos pertinentes neste espaço, logo, as práticas não deveriam ser regidas por “ideologias fatalistas”, o imobilismo é apenas umas das rupturas do processo da libertação e a ação é um dos elos para a construção subjetiva de valores.

Quando se fala em ideologias, Freire (2013) a refere como algo com alto poder de persuadir os indivíduos, um discurso de dominação que anestesia a mente, distorce a realidade, os acontecimentos e as histórias, portanto, é por meio de outras ideologias que se pode criticar, refletir acerca de discursos. Portanto, que a ideologia que se propague no âmbito educacional seja de caráter progressivo, em busca emancipação do sujeito e na efetivação do *ser mais*.

De acordo com Freire (2013), a dialogicidade é ausente de autoritarismo, por meio do diálogo que se dá as tensões entre a liberdade e a autoridade, neste movimento a autoridade continua tendo a disciplina como premissa da liberdade dos alunos, não sendo autoritária em exigir que todos em um espaço dado, tenham que dizer algo, mesmo não tendo algo para ser dito.

Para tanto, a educação libertária, vai contra a uniformização dos sujeitos, quando dialogadas devem conscientizar o aluno a um propósito contra ideologias ou condicionamentos de opressão, “conscientizar não significa, de nenhum modo, ideologizar ou propor palavras de ordem. Se a conscientização abre caminho à expressão das insatisfações sociais é porque estas são componentes reais de uma situação de opressão. ”. (FREIRE, 1967, p.11).

A alienação do homem persiste nas práticas educativas, na manutenção desta alienação é que se percebe que há uma luta contra a consciência dos sujeitos, muitas vezes são vistas como ameaçadas contra os “opressores”, deste modo à realidade se destorce e os sujeitos, continuam objetos alienados, Freire (1967, p. 36-37) cita quando a mecanização dos sujeitos contra a liberdade no espaço social em que estão inseridos:

Na verdade, elas é que massificam, na medida em que domesticam e endemoniadamente se “apoderam” das camadas mais ingênuas da sociedade. Na medida em que deixam em cada homem a sombra da opressão que o esmaga. Expulsar esta sombra pela conscientização é uma das fundamentais tarefas de uma educação realmente liberadora e por isto respeitadora do homem como pessoa.

A liberdade é suprimida pelo poder, Freire (1986) apresenta que há uma enorme dificuldade em ser criativo se não existir a liberdade, e sem ela só haverá repetição, mecanização do que for dito, liberdade é modelada e não formatada. A liberdade também é punida em alguns

momentos pela autoridade, porém os “nãos” que são ditos, são explicados, são reagentes de razão, está é uma liberdade disciplinada, com limites.

Em sala de aula, o professor libertador não manipula o aluno, assume uma responsabilidade integral com eles, propõem e busca atingir objetivos de transformação da consciência. Deste modo, Freire (1986, p. 104) refere-se que os docentes:

Assume um papel diretivo necessário para educar. Essa diretividade não é uma posição de comando, de “faça isso” ou “faça aquilo”, mas uma postura para dirigir um estudo sério sobre algum objeto, pelo qual os alunos reflitam sobre a intimidade de existência do objeto. Chamo essa posição de radical democrática, porque ela almeja a diretividade e a liberdade ao mesmo tempo, sem nenhum autoritarismo do professor e sem licenciosidade dos alunos.

Os docentes teorizam uma prática libertadora, direcionada a crítica e a reflexão, mas praticam o autoritarismo excludente, classificatório e mecanizado. Não basta defender uma ideia, tem que agir sobre ela, a educação dialógica e democrática só é desenvolvida sobre ações pedagógicas, sobre a criatividade e sobre a renúncias dos medos.

Em vista disso, Freire refere-se que o professor deve em sua sala promover um espaço de liberdade, as escolas na sua estrutura ou equipe diretiva impõem uma prática dogmatizadora, quando a escola em um todo não corrobora na formação dos sujeitos, se tem profissionais isentos de ética, profissionalismo e de humanidade, Freire (1997, p.12-13) faz referência as administrações autoritárias das escolas as quais “ [...] procuram, por diferentes caminhos, introjetar no corpo das gentes o medo à liberdade. Quando se consegue isso, a *professora* guarda dentro de si, *hospedada* em seu corpo, a sombra do dominador, a ideologia autoritária da administração. ”

Freire não busca a perfeição nos professores, mas como humanos é que devem reavaliar seus valores e práticas, testemunhando a luta pela liberdade e pela criação da disciplina, vista como indispensável no processo libertário dos sujeitos. (FREIRE, 1997). Na sociedade em que vivemos, autoritária, excludente e desigual, a analogia entre liberdade e autoridade é ambígua e de difícil compreensão, mas o tradicionalismo histórico e social não deve permanecer intrínseco ao modo dos sujeitos pensarem ou agirem.

Perante o exposto, a liberdade e a autoridade são elementos indispensáveis no processo de emancipação do sujeito, o espaço escolar, os educadores e educandos são sujeitos ativos neste processo. Somente por meio da disciplina que se ratifica o ato da “boniteza” do existir e de poder fazer parte da construção da sua própria história, o inacabado se forma constantemente, e assim a ação do discurso é substancial para a libertação e fomentação dos sujeitos. A liberdade

é real, quando nas vivências se perde o medo de criar e dialogar, quando a disciplina se direciona para o caminho do ser mais: mais pesquisador, fomentador e humano.

3 DISCIPLINA E LIBERDADE NO PENSAMENTO DE MICHEL FOUCAULT

Permeia-se por muito tempo no contexto escolar, questões que enquadram o aluno em valores, regras e normas intituladas pelo ambiente. A disciplina neste caso está envolvida num processo de poder, em que se sustenta por meio do corpo e pelo modo que ele se comporta em determinado espaço, internalizando a perspectiva do indivíduo moldado pela sociedade. Nesta perspectiva, cabe destacar a biografia do autor, introjetando as particularidades históricas do corpo como centro do poder para Foucault.

Michel Foucault foi um filósofo francês, nascido no ano de 1926, viveu uma das épocas mais conservadoras da França do século XX. Formou-se em Psicologia e Filosofia. No ano de 1951, Michel Foucault começa a dar aulas de psicologia e filosofia, lecionou em diversas Universidades, na Alemanha, na Suécia, na Tunísia, nos Estados Unidos, entre outros. Trabalhou como psicólogo em hospitais psiquiátricos e prisões.

Nos anos 60, Foucault era considerado um dos pensadores estruturalistas, como Claude Lévi-Strauss, Roland Barthes e Jacques Derrida. No princípio, Foucault era considerado estruturalista, mas em algumas de suas obras como “Vigiar e Punir” e “A História da Sexualidade”, Foucault foi renomado como pós-estruturalista.

Aos 28 anos publicou "Doença Mental e Psicologia" (1954). Em 1961 defendeu tese de Doutorado: “Loucura e Desrazão”. Em 1965, esteve no Brasil pela primeira vez para uma conferência a convite de um ex-aluno Gerard Lebrun.

As obras publicadas por Michel Foucault foram as seguintes: ”Doença mental e Psicologia” (1954); “História da Loucura” (1961); “Raymond Rousset” (1963); “O nascimento da clínica” (1963); “As palavras e as coisas”(1966); “A Arqueologia do saber” (1969); “A ordem do discurso” (1970 – aula inaugural do College de France); “Vigiar e Punir” (1977); “A vontade de saber – História da sexualidade I” (1976); “O uso dos prazeres– História da sexualidade II” (1984); “O cuidado de si – História da sexualidade III” (1984).

A tríade elementar, em uma compreensão filosófica ontológica para Foucault se dá por meio dos conceitos: poder, sujeito e disciplina. Neste viés, ressalta-se como a disciplina está permeada de poder e como ela procede no movimento dos corpos situado em uma concepção escolar. Para Foucault no decorrer do século XVII e XVIII a disciplina tornou-se uma fórmula geral para a dominação, ou seja, uma política coercitiva sobre o corpo, uma manipulação objetivada, um controle dos movimentos e do comportamento. Foucault refere-se à “mecânica do poder”, a qual define e permeia uma articulação e domínio sobre as pessoas. Portanto, pode-

se definir para Foucault (1999, p.164), que “ a disciplina fabrica assim corpos submissos e exercitados, corpos “dóceis””.

A disciplina é um conceito introjetado nas relações dos indivíduos e seu contexto é histórico e inerte ao tempo. Para Foucault (1979, P. 105) a disciplina era considerada um método de promover o poder, ou um meio de aplicá-lo, “ [...] historicamente as disciplinas existiam há muito tempo. Os mosteiros são um exemplo de região, domínio no interior do qual reinava o sistema disciplinar”.

O corpo é internalizado em uma perspectiva de objeto, ele está preso a poderes controladores, logo, ele está sujeito a uma relação de “docilidade e utilidade”, quando este processo for equivalente, pode se proferir então, que a disciplina permeia o indivíduo. A disciplina, neste caso, serve para se ter o domínio sobre o corpo, por meio de políticas que conduzam o receptivo comando.

O espaço destinado para escolas no século XVIII foi projetada arquitetonicamente para serem homogêneas, as classes ordenadas por fileiras, todos sobre o olhar do professor, o alinhamento, a conduta dentro e fora da sala de aula era cada vez mais observada, o controle sobre os indivíduos era permanente. Deste modo, a tensão provocada pelo espaço era para “funcionar o espaço escolar como uma máquina de ensinar, mas também de vigiar, de hierarquizar, de recompensar”. (FOUCAULT, 1999, p.173).

A disciplina, citada por Foucault caracteriza uma escola em que tem o propósito de ser um aparelho de aprender, está intrínseco nesta disciplina, que o indivíduo deve estar sobre domínio hierarquizado de outro. A disciplina cria um espaço analítico, onde este possa ser vigiado o tempo todo, conhecendo, dominando e utilizando deste processo para manter os sujeitos sobre uma conduta subjetiva e expressiva. (FOUCAULT, 1999).

A disciplina analisa o tempo, o indivíduo deve estar em utilidade, jamais ocioso. O poder está relacionado ao tempo, pois assim tem-se um controle sobre o processo que está engrenado, mecanizado, moldado para fazer o que a hierarquia prevê, serem banais objetos. (FOUCAULT, 1999).

De acordo com Foucault (1999), o poder disciplinar tem como função adestrar os indivíduos, fabricando instrumentos por meio de um exercício de coerção. Uma das fontes de poder é o aparelho de vigiar, a vigília hierarquizada da disciplina. O poder sobre o corpo, em que objetiva domesticar os sujeitos em um processo de transferência do conhecimento.

A punição e a vigilância são, segundo Foucault (1999), poderes interligados para adestrar e manipular os indivíduos; manter a ordem e efetivar o cumprimento das leis estipuladas pelos que exercem o poder. A vigilância permite observar se o poder está sendo

cumprido de maneira disciplinar, regulamentando a vida dos indivíduos; e a punição serve para intimidar, punir quem infringe as regras postas pelo sistema.

Deste modo, está disciplina se torna um aparelho repressivo e opressivo que visa o controle sobre os diferentes modos do sujeito ser e agir, está dogmatização impõem a serem passivos e subjetivos a esta ação, neste foco, torna-se algo interiorizado a quem está envolvido neste artifício.

Não obstante, Khouri (1989, p.42) refere com base em Foucault alguns mecanismos de controle e vigilância permeados no espaço escolar:

1-A vigilância hierarquizada, na qual o poder de coerção é distribuído a muitos indivíduos, de modo que o controle é exercido continuamente. Assim é que diretores, professores, inspetores de alunos, e, mais recentemente guardas escolares recebem a delegação de poder e complementam-se na tarefa de vigilância [...]. Forma-se uma pirâmide de controle que permite a constância e a eficácia na identificação de todas as possíveis contraposições à ordem estabelecida[...]. 2-A sanção normalizadora: trata-se aqui das micropenalidades e de “um pequeno mecanismo penal” que funciona repressivamente em relação ao tempo [...], às atividades [...], à maneira de ser [...], ao corpo [...] e à sexualidade[...].

Portanto, a disciplina para Foucault é uma análise do espaço, pois, há um processo de fragmentação dos indivíduos, a individualização e a vigília de cada um nos diferentes espaços. Este poder que a disciplina incumbe, implica em uma vigília permanente, em que é necessário vigiar os indivíduos o tempo todo, analisando o processo das atividades. Foucault (1979). Para Foucault a disciplina exerce o controle sobre todo seu movimento, todo processo até a chegada do objetivo, e a escola é um instrumento que materializa este movimento.

As escolas incidem em disciplinar os alunos, o espaço está disposto para a individualidade, as regras escolares difundidas como currículo oculto também provêm de regras a serem cumpridas. O espaço escolar foi projetado a fim de permitir uma constante vigilância sobre os alunos, onde os indivíduos são posicionados em um estado de visibilidade, por meio de uma arquitetura semelhante ao Panóptico de Bentham citado por Foucault. Para tanto, a disciplina é incorporada ao poder, se o indivíduo deve se conduzir ao propósito estabelecido, a dominação prevê que os alunos se tornam seres dóceis, ou seja, alunos manipuláveis, mecanizados e úteis a um sistema. Nesta perspectiva, Foucault (1999, p.173) cita que referente a este contexto educacional “ fez funcionar o espaço escolar como uma máquina de ensinar, mas também de vigiar, de hierarquizar, de recompensar. ”

Quando nos referirmos que a disciplina está permeada no espaço, cita-se a arquitetura Panóptica de Benthan se define por ter um caráter coercitivo e disciplinatório, cuja estrutura se identifica como uma prisão, pois seu formato é de um anel, onde fica uma construção circular

dividindo-se em celas com grandes janelas em seu interior, com pouca passagem de luz solar (FOUCAULT, 1999):

[...] serve para emendar os prisioneiros, mas também para cuidar dos doentes, instruir os escolares, guardar os loucos, fiscalizar os operários, fazer trabalhar os mendigos e ociosos. É um tipo de implantação dos corpos no espaço, de distribuição dos indivíduos em relação mútua, de organização hierárquica, de disposição dos centros e dos canais de poder, de definição de seus instrumentos e de modos de intervenção, que se podem utilizar nos hospitais, nas oficinas, nas escolas, nas prisões. Cada vez que se tratar de uma multiplicidade de indivíduos a que se deve impor uma tarefa ou um comportamento, o esquema panóptico poderá ser utilizado. (FOUCAULT, 1999, p.229).

A disciplina é imersa nas formas de dominação do outro por meio da prática do de poder imposta nos espaços sociais, de tal modo, ela possibilita o controle dos corpos, vigilância do comportamento e coerção nos atos. Khouri (1989) ao se referenciar em Foucault cita que este contexto de domesticação por meio de práticas disciplinares, são usadas desde o século XVII nos funcionamentos de prisões e quartéis, que tinha por objetivo fabricar indivíduos para exercer ordens estabelecidas. Deste modo, após gerações o comportamento disciplinar é permanentemente ocorrente nas instituições escolares e assim torna-se algo normal, intrínseco, tornando assim a educação direcionada a quantidade, ao mecanicismo e a padronização dos alunos, envolvendo todos em um processo de objetos receptivos. (KHOURI, 1989).

A disciplina citada por Foucault é fomentada em um discurso ideológico em que os sujeitos devem ser moldados por esta disciplina, a fim de serem “programados” para serem seres sociais, introjetados em um contexto de funcionalidade e reprodutivismo.

Destarte, nas palavras de Foucault (1979), a disciplina será antes de tudo uma análise, do espaço e dos indivíduos, pois neste espaço haverá uma separação dos indivíduos, em seguida uma inserção destes e subsequente uma classificação de cada um. Deste modo, o controle é exercido pelo desenvolvimento da ação dos sujeitos, incidindo sobre vigilância perpétua com um dos dispositivos¹ de controle.

O exercício do poder se fundamenta em dois alicerces: a soberania e os mecanismo de disciplina são heterogêneos garantindo assim a coesão dos corpos sociais na perspectiva da disciplinaridade. Em suma, Foucault (1979 p.189) cita referente ao discurso promovido pela disciplina, um discurso que emerge o adestramento dos sujeitos diante a coerção das normas:

¹ “Termo "dispositivos" aparece em Foucault nos anos 70 e designa inicialmente os operadores materiais do poder, isto é, as técnicas, as estratégias e as formas de assujeitamento utilizadas pelo poder”. (REVEL, 2005, p.39)

[...] as disciplinas têm o seu discurso. Elas são criadoras de aparelhos de saber e de múltiplos domínios de conhecimento. São extraordinariamente inventivas ao nível dos aparelhos que produzem saber e conhecimento. As disciplinas são portadoras de um discurso que não pode ser o do direito; o discurso da disciplina é alheio ao da lei e da regra enquanto efeito da vontade soberana. As disciplinas veicularão um discurso que será o da regra, não da regra jurídica derivada da soberania, mas o da regra "natural", quer dizer, da norma [...].

A disciplina visa operacionalizar os indivíduos, essas relações normativas que são impostas, possibilitam treinar, manipular e limitar, objetivando a produtividade e a docilidade. De acordo com Revel (2005) com base em Foucault, a disciplina ou o regime disciplinar se caracteriza pelas técnicas utilizadas na coerção que enquadram, neste caso o aluno à um sistema de tempo, espaço e dos movimentos, individualiza os corpos, monitora os gestos e controla-se sua conduta, o corpo está indiscutivelmente sobre o discurso² das normas.

O poder está associado ao subjetivo à genealogia, ele permeia três níveis: 1-o sistema de diferenciação; 2- objetivo da ação; 3- modalidades instrumentais do poder. 4- as formas de institucionalizações do poder e 5- grau de racionalização. As análises foucaultianas corrompem com a ideia de uma contradição entre poder e liberdade, assim, associando uma a outra Foucault vê além do papel repressivo, um papel produtivo, pois sem a liberdade não há como exercer o poder. (REVEL 2005).

Muitas vezes o poder está intrínseco na conduta hierárquica das instituições escolar, as normas permanecem intactas ao passar do tempo, o currículo é um dos instrumentos de mecanizar os alunos, as escolas deste modo, passam a constituir corpos operantes ou apenas sujeitos³. De acordo com Revel (2005) os corpos, são vistos por Foucault como a física do poder, a qual o corpo é modelado pelo poder a partir da escola para além dela e assim, não convém só em redomesticar e de vigiar os corpos, parte para a questão política, ou seja, gerenciar a população instituindo programas.

É de suma importância identificar que as escolas muitas vezes, provém de um currículo oficial ou oculto, que insere os alunos há um contexto de articulação do “saber” por meio do exercício da disciplina, este condicionamento introduz o aluno na maquinaria do poder, pois estabelece uma relação que exige a eficácia das normas presente no espaço, caso contrário

² O discurso na perspectiva de Foucault se designa como “um conjunto de enunciados que podem pertencer a campos diferentes, mas que obedecem, apesar de tudo, a regras de funcionamento comum”. (REVEL, 2005, p. 37)

³ Quando descrito sujeito, pretende-se apresentar o conceito de acordo com Foucault, onde Revel (2005, p.84) cita “trata-se, portanto, de tratar o sujeito como um objeto historicamente constituído sobre a base de determinações que lhe são exteriores[...].”

haverá punições com micropenalidades. O poder reprime os indivíduos e os impõem em uma conduta que rege as estruturas do espaço escolar, isto para que o aluno passe a ser tomado como produtivo dentro de uma perspectiva que aliene seu modo de agir, sua expressão e postura, a partir da dominação. Para tanto, a escola pratica a punição como meio do adestramento, objetivando o saber, ou seja, que quando se puni, logo se aprende a não cometer as “infrações” ocorridas. Conforme Danelon (2015, p. 235), “O currículo torna-se uma ferramenta poderosa, cujo foco, [...] é vincular processos que denotam formas de produção de subjetividade, [...] o currículo é formador e, porque não dizer, formatador de maneiras como as crianças são vistas e como elas se veem”.

De acordo com Deleuze em um diálogo com Foucault (1979, p. 73), “ [...] não são apenas os prisioneiros que são tratados como crianças, mas as crianças como prisioneiras. As crianças sofrem uma infantilização que não é a delas. Neste sentido, é verdade que as escolas se parecem um pouco com as prisões[...]”. Nesta perspectiva se evidencia a socialização pelo poder sobre os alunos, impondo a “soberania” escolar, muitas vezes praticada no exercício da docência.

Nas palavras de Danelon (2015) com base em Foucault, o discurso pedagógico nas escolas produz um saber que é o único a ser aceito sobre as crianças, deste modo, este saber define e produz meios de ensino e aprendizagens, promovendo ações tradicionais que envolvem métodos curriculares que projetam a produção, governamentalidade e disciplinarização. Deste modo, o discurso pedagógico construído neste espaço é resultante da disciplina e do poder sobre os indivíduos atuantes neste espaço, Foucault (1970, p. 36) cita “a disciplina é um princípio de controle da produção do discurso. Ela lhe fixa os limites pelo jogo da identidade que tem forma de uma reatualização permanente das regras [...] não deixam de ser princípios de coerção [...]”.

Neste propósito, a disciplina que é postulada as escolas é permeada de discursos normativos, o qual propozita o exercício do poder de forma peculiar, já subjetivo aquele espaço, a hierarquia e os mecanismos de coerção regem em torno da eficácia disciplinar. Não obstante, para compreender a disciplina do poder, Foucault (1979, p.189) refere-se:

As disciplinas são portadoras de um discurso que não pode ser o do direito; o discurso da disciplina é alheio ao da lei e da regra enquanto efeito da vontade soberana. As disciplinas veicularão um discurso que será o da regra, não da regra jurídica derivada da soberania, mas o da regra "natural", quer dizer, da norma; definirão um código que não será o da lei mas o da normalização;

Deste modo, pode-se analisar que as instituições de ensino se ratificam em uma estrutura militante, pois sua arquitetura, vigilância, disciplina e poder hierárquico se classificam como

um espaço que intensifica os alunos viverem imersos a um sistema minucioso de produção. O espaço escolar é diagnosticado como um campo de individualização, segmentação e progressão de práticas tradicionalistas, pois, assiduamente os alunos são infantilizados e vistos como incapazes de argumentar e dialogar na vertente da dialogicidade.

4 DIÁLOGO ENTRE PAULO FREIRE E MICHEL FOUCAULT

A disciplina torna-se de suma importância aonde os processos educativos precisam ser desenvolvidos. Mas, ao mesmo tempo em que a disciplina é conduzida como uma potência no desenvolvimento educativo ela é contraditória, pois, por um lado ela direciona o aluno, auxilia na concentração, tomada de decisões e na eficácia das atividades e por outro lado é considerada controladora, autoritária, regida pelo poder imposto para moldar os sujeitos tornando-os submissos e repressivos.

Diante das tensões, contraditórias, mas existentes no âmbito escolar, cabe dialogar entre Freire e Foucault acerca do que é a disciplina, ressaltando como ela intervém em um espaço de liberdade e libertação.

Para Foucault (1999) o domínio disciplinar faz com que os corpos produzam, sejam moldáveis para exercer normas e condutas. Muito da imposição destas regras disciplinares já estão intrínsecas no sujeito que se torna algo impercebível cotidianamente. Ademais, a disciplina para Foucault também é apreendida no espaço, onde a vigília está sempre em alerta, sempre elementar na organização e na manifestação do sujeito. Portanto, Foucault (1999, p.173) cita acerca da vigilância dos espaços:

A organização de um espaço serial foi uma das grandes modificações técnicas do ensino elementar. Permitiu ultrapassar o sistema tradicional (um aluno que trabalha alguns minutos com o professor, enquanto fica ocioso e sem vigilância o grupo confuso dos que estão esperando). Determinando lugares individuais tornou possível o controle de cada um e o trabalho simultâneo de todos. Organizou uma nova economia do tempo de aprendizagem. Fez funcionar o espaço escolar como uma máquina de ensinar, mas também de vigiar, de hierarquizar, de recompensar.

Deste modo, o espaço, o tempo e os movimentos dos sujeitos são fiscalizados, a fim de discipliná-los. A disciplina organiza um “espaço analítico”, nesta ideia em que acarreta a repartição dos indivíduos, a hierarquia do saber e o acesso ao controle do olhar classificador do professor. (FOUCAULT, 1999).

Nesta teoria, pode-se relacionar os alunos como engrenagens, juntos constituem um mecanismo de tempo, todos precisam fruir de seu tempo corretamente para que a engrenagem ande. Foucault (1999, p.190), apresenta um método de ensino mecanizado, onde “a escola torna-se um aparelho de aprender onde cada aluno, nível e momento, se estão combinados como deve ser, são permanentemente utilizados no processo geral do ensino”.

Do mesmo modo, Neto (2011) se refere a maquinaria escolar, que como outros diversos estudos, a ênfase fica em mostrar que a escola foi a instituição mais moderna, poderosa, ampla,

disseminada e minuciosa, em que tudo gira em torno da íntima articulação entre o poder e o saber, de modo que o saber se faz como correia, transmissora e que condiz uma licitude aos poderes que estão ativos na sociedade e introduzidos nos sujeitos cotidianamente.

Há questionamentos acerca dos discursos eminentes no ato de educar, a prática do diálogo incide na criticidade e no discurso coerente e significativo das verdades construídas no âmbito educacional, deste modo Colling e Andreola (2014) retratam nuances pertinentes ao espaço discutido:

A verdade está centrada no discurso científico e em quem a produz. A escola produz verdades? Quem disse a verdade da escola? Quem determinou o que ensinar na escola? Se para Paulo Freire a verdade se constrói, historicamente no diálogo, para Michel Foucault cada sociedade possui seu próprio regime de verdade e o faz funcionar, acolhendo e sancionando discursos como verdadeiros.

O autor Neto (2011), cita que foi com base em Foucault que se compreende a escola como uma “dobradiça”, pois ela é capaz de articular os poderes que circulam neste espaço com o saber que há contempla, então se ensina, seja ensinamentos pedagógicos ou não. Ainda neste viés, Freire (1987, p.79) cita referente a opressão, neste caso citado no âmbito escolar, como ocorre a divisão dos alunos para sobrepor o poder - “Na medida em que as minorias, submetendo as maiorias ao seu domínio, as oprimem, dividi-las e mantê-las divididas são condições indispensáveis à continuidade de seu poder”.

Este controle disciplinar que Foucault (1999) aborda, não consiste simplesmente em ensinar ou impor algo, mas sim uma relação total do corpo, do gesto e do movimento de forma eficácia e rápida, ou seja, o indivíduo deve estar sempre atento, em movimento, não pode ficar ocioso ou disperso, pois um corpo bem disciplinado não é inútil.

Nas palavras de Foucault (1999), a disciplina “fabrica” indivíduos, ela se apropria do sujeito como se fossem objetos, instrumentos. Ela funciona modestamente, de modo calculado, mas sempre permanente, visto que os alunos já estão neste ciclo subjetivo do poder disciplinar a escola apenas no olhar hierárquico instrumentaliza seu empoderamento, assim como outras técnicas que induzem os meios de coerção dos alunos.

Foucault e Freire são autores singulares, com diferentes teorias, mas dispostos a serem dialogados acerca de seus conceitos. Deste modo, Colling e Andreola (2014) propõem uma conversação intelectual que pressupõe um rompimento do controle histórico das escolas, citados como um aparelho do poder e reprodutor de desigualdades.

Neste viés, Colling e Andreola (2014) citam que Foucault tenta retratar em suas obras uma falsa premissa de que o poder só diz não, que reprime e castiga, o poder teria positividade,

pois, auxilia no controle das ações do sujeito, tirando deles o máximo possível de proveito, assim, o poder disciplinar é um produtor de individualidade, pois cada indivíduo é uma produção do poder e do saber.

Diante dos questionamentos acerca das tensões disciplinares na perspectiva de Foucault correlacionam-se no mesmo modo os conceitos abordados por Paulo Freire. Inicia-se esta abordagem com Colling e Andreola (2014) que de início, apresenta que Freire e Foucault provem de visões distintas acerca dos sujeitos, para Foucault o sujeito é uma invenção da modernidade e para Freire é algo que já existe, a espera de ser educado.

Sendo assim, Freire (2013) conceitua a disciplina de modo paradoxo à Foucault, para Freire a disciplina está relacionada à condição de liberdade dos sujeitos, para tanto, a disciplina propõe um elo permanente com a autoridade. Ademais, a autoridade e liberdade se sustentam por base da disciplina.

Deste modo, Freire (2013) exemplifica que a licenciosidade na sala de aula acontece quando é permitido que uma indisciplina de uma liberdade mal centralizada desequilibra todo o contexto pedagógico, inferindo negativamente no funcionamento disciplinar, isto não condiz com o autoritarismo, mas sim com oportunidade do aluno se recompor no amadurecimento de sua liberdade em confronto com outras liberdades.

Freire (2013) aborda que há uma ruptura na busca da liberdade, quando o autoritarismo e a licenciosidade interrompem o equilíbrio entre a autoridade e liberdade, visto que, está ruptura passa a ter um comportamento indisciplinar, resultando-se em um mecanismo ideológico, que além de castrar os sujeitos, “asfixia sua liberdade”.

Para tanto, Freire (2013, p.91), cita acerca da conjuntura da autoridade e liberdade:

A autoridade coerentemente democrática, fundando-se na certeza da importância, quer de si mesma, quer da liberdade dos educandos para a construção de um clima de real disciplina, jamais minimiza a liberdade. Empenha-se em desafiar-la sempre e sempre: jamais vê, na rebeldia da liberdade, um sinal de deterioração da ordem. A autoridade coerentemente democrática está convicta de que a disciplina verdadeira não existe na estagnação, no silêncio dos *silenciados*, mas no alvoroço dos *inquietaos*, na dúvida que instiga, na esperança que desperta.

Para que os alunos não sejam coercitivamente silenciados ou “podados” como citados na perspectiva de Foucault, Freire refere-se há uma pedagogia da autonomia, onde ela se baseia na centralidade do direito a fala, a criticidade, estímulos para tomada de decisões e responsabilidades. Autonomia que liberte o aluno a um preceito de dialogicidade e não há domesticação. (FREIRE, 2013).

Freire (2013) com base na autonomia, dialoga que a disciplina parta do sujeito, que requeira se disciplinar, também defende que o sujeito inserido no mundo deve lutar, se posicionar para não ser apenas ser considerado um objeto, mas sim sujeito também da história, que busca o “ser mais”, e é por meio da disciplina e da autoridade que o indivíduo busca seu posicionamento no mundo. Ademais, Freire (1989, p.12) concerne quanto a disciplina:

A disciplina é o fazer o que posso, o que devo e o que preciso fazer. Fazer o que é possível na disciplina, tornar possível o que agora é impossível diz respeito necessariamente à vida interior da pessoa. É assim que eu vejo o movimento interno e externo da disciplina. E para isso acho que a presença da autoridade é absolutamente indispensável.

Neste sentido, Filho, Lima e Guimarães (2013) afirmam que a disciplina é evidenciada deste modo pela necessidade da autoridade na construção da liberdade e na emancipação do indivíduo. Deste modo, os autores destacam que “para o educador, a disciplina requer, fundamentalmente, a presença da autoridade, pois esta permite que aconteça o movimento interno e externo da disciplina, em que o aluno faz aquilo que pode, o que deve e o que precisa fazer” (2013, p.69).

Com base em uma educação libertadora, retrata-se uma incoerência entre Foucault e Freire. Neto (2011) retrata uma ideia de Foucault, em que Deleuze sugere que diante de uma crise social vivenciada, há uma troca ou substituição de uma lógica disciplinar para uma lógica controladora. Neste viés, destaca sua consequência perante esta troca de ênfase, a qual resigna que a subjetivação intrínseca diante da centralidade disciplinar passa a ter uma subjetivação aberta, manifestada na participação, no fluxo contínuo e propagado da lógica do controle.

Diante destas considerações, Freire (1987), refere-se a busca da liberdade dos homens, uma vez que não pode iniciar está libertação pelo controle ou alienação, Freire posiciona-se que a libertação verdadeira não é algo que se deposite, não é dito, mas são ações, reflexões e criticidade do sujeito sobre o mundo, para então, neste momento haver uma substituição, não de lógicas, mas de transformação da educação.

O sujeito não é visto igualmente por Freire e Foucault, quando mencionados não se trata da análise do mesmo sujeito, pois, para Foucault o sujeito é uma invenção da modernidade e para Freire o sujeito já é existente, mesmo antes de ser educado. Porém, mesmo com diferenças teóricas, ambos os autores estão aliados na luta contra as formas de poder dominador, coercitivo e opressor, Freire referente as palavras dos oprimidos e Foucault na genealogia do poder, assim as relações de poder permitem Freire e Foucault convergir em torno da luta contra os processos

de dominação e a resistência dos sujeitos na construção social. (COLLING e ANDREOLA 2014).

A resistência para Freire e Foucault são resultantes das discussões conceituais da disciplina. Para Foucault a resistência está totalmente ligada onde há relações de poder, ela é inseparável do poder, por meio deste poder intrínseco em todos os lugares a resistência é maior, assim, como a possibilidade de luta contra os efeitos do poder. Deste modo, para Foucault é recíproco a resistência com as relações de poder, logo, se não houvesse lutas e resistência diante a dominação, não haveria relações de poder projetados em determinados espaços, apenas a desobediência inerente há um problema. (REVEL, 2005).

Para Freire (2013) é necessária uma resistência crítica na predisposição de atitudes amplas, que visem as defesas contra as ideologias e por meio desta resistência adequar-se a prováveis qualidades objetivadas em sabedoria. Em visto disso, Freire (2013, p.131) evidencia como reger esta perspectiva de resistência com real clareza e criticidade, “o melhor caminho para guardar viva e desperta a minha capacidade de pensar certo, de ver com acuidade, de ouvir com respeito, por isso de forma exigente, é me deixar exposto às diferenças, é recusar posições dogmáticas, em que me admita como proprietário da verdade”.

Está resistência citada, permeia o campo do poder, poderes que se diferem em Freire e Foucault. Para Freire poder é um conceito que se centraliza em seus questionamentos, promovedor de lutas contra todas as formas de poder, como por exemplo, a opressão. Deste modo, “a contradição e oposição dialética entre poder dominador, colonizador, opressor, e o exercício através do diálogo, da participação, da democracia, perpassa [...] toda a práxis pedagógica- política de Freire”. (COLLING e ANDREOLA 2014, p.129).

O poder evidenciado por Foucault situa-se como poder disciplinar, considerado produto de uma individualidade, visto que, o sujeito é resultante de uma produção do poder e do saber. São micropoderes que envolvem a sociedade, as relações de poder se exercem em toda a rede social, do mais amplo ao mais pequeno detentor do poder. Contudo, Colling e Andreola (2014) visam que ambos os autores, mesmo distintos teoricamente visam a luta contra as formas de poder dominador, coercitivo, manipulador e opressor. (COLLING e ANDREOLA 2014).

Foucault apresenta em suas obras, principalmente em *Vigiar e punir*⁴, como a disciplina está posicionada dentro dos espaços e empreende-se como mecanismo de poder. Entre os autores, Freire e Foucault acerca do tema disciplina, há uma contradição. A disciplina de Freire é vista como uma vertente para a libertação, algo a ser racionalizado, um equilíbrio para que a

⁴ *Vigiar e Punir: Nascimento da prisão* (1999).

liberdade exista, algo que deve ser praticado para que a liberdade seja conjugada realmente, pois sem a disciplina, a liberdade não teria limites, assim, passaria a ser licenciosa e opressiva. Para Foucault essa disciplina é resultante das relações de poder, algo operado e estipulado, promovido por interesses de dominadores, algo moldável, manipulável e coercitivo.

Freire e Foucault convergem, quando se referem ao poder opressor, empreendidos no âmbito educacional ou ao estado em um todo. Com base em Foucault (1979, p.161), pode-se realizar uma analogia enquanto escola:

Não tenho de forma alguma a intenção de diminuir a importância e a eficácia do poder de Estado. Creio simplesmente que de tanto se insistir em seu papel, e em seu papel exclusivo, corre-se o risco de não dar conta de todos os mecanismos e efeitos de poder que não passam diretamente pelo aparelho de Estado, que muitas vezes o sustentam, o reproduzem, elevam sua eficácia ao máximo.

Em outras palavras, a escola quando permeada de poder, ou seja, de autoritarismo visará somente a sua própria verdade, reproduzindo as mesmas tensões tradicionalistas que se sustentam por meio de mecanismos de autoritarismo, vigilância e coercitividade. Deste modo, cabe a escola repensar seu real papel, para que possibilite aos alunos serem sujeitos críticos e reflexivos.

Para Foucault o poder só é existente porque há a liberdade, ou seja, o poder só pode ser permeado quando a condição de liberdade pelos sujeitos, logo, a uma recíproca tensionada em relação ao poder e a liberdade, pois, para um existir, ambos devem estar relacionados, é a partir do poder que devesse buscar resistência a luta e assim, manifestar o ato de ser livre.

Foucault (2012) manifesta uma ligação acerca de liberdade e poder, se existir relações de poder no âmbito social, é por que existe liberdade, porém se efetiva na condição de dominação sobre os sujeitos “livres”. Freire posiciona-se neste sentido ao buscar a luta contra esta dominação, que impõem e rege as condições de vida, e assim, nos questionamos o quão livre somos, se estamos paralelos ao poder?

De acordo com Mafra, o poder não é apenas imaginário, para ambos os autores, Freire e Foucault o poder é real, existente da sociedade e materializado nos sujeitos. Apresenta-se como possibilidade de resistência e manifestação da liberdade.

[...] o poder frequentemente colocado como uma entidade distante é, antes de tudo, relação. É que, na concretude, o poder se manifesta na cotidianidade, isto é, no espaço das relações. Não são as leis, mas as práticas regulamentadoras, disciplinadoras, que dão substância ao poder. Trata-se, portanto, não de uma negação das estruturas objetivas promotoras de poder, mas de uma recuperação da consciência, ou melhor, do olhar na esfera da subjetividade, que é onde, de fato, o poder se materializa. (2008, p.42)

O poder é instrumentalizado como a verdade, por meio do controle, mecanismo do poder, o sujeito é formatado de modo que exige as normas que se empoderam do espaço. Em um espaço de poder exacerbado, o sonho da liberdade será utópico. As estruturas dos espaços condicionam o poder, mas não é determinante que o indivíduo perpassasse intrínseco a ela. Deste modo, que os autores se referem a resistência contra o opressor, contra a vigência que qualifica o dogmatismo. Freire e Foucault discorrem acerca da luta contra o poder, este que minimiza, impossibilita e reprime os sujeitos. A resistência contra os mecanismos de poder, aproximam os autores, Foucault apresenta que as relações de poder resultam na resistência e Freire busca resistência na luta contra os processos de dominação e opressão.

Com base na analogia em ambos os autores, pode-se perceber que o conceito de disciplina é ambíguo entre os autores. Para Freire é por meio da disciplina que o sujeito será libertado, a disciplina é norteadora, sem a disciplina não existe liberdade. A disciplina perpassa da autoridade, ela tem que ser trabalhada, dialogada intensamente, acerca da autoridade a disciplina se promove, assim como a autodisciplina, a disciplina, neste caso torna-se necessária para a obtenção da liberdade democrática e emancipatória do ser.

Para Foucault a disciplina é rigorosa, manipulável e centrada na produção. Diante disso, a disciplina age a favor dos opressores, a quem deseja corpos dóceis, controláveis por meio de regras e normas. A disciplina condiciona a coerção pela dominação e utilização, ela é o poder que condiciona a hierarquização do espaço, tempo e principalmente dos indivíduos, com proposto de molda-los. Ela é classificatória, excludente e permeia o medo da liberdade.

Foucault apresenta a liberdade existente, criada pelo sujeito, porém corrompida pelas relações de poder que subjetivamente aliena de modo disciplinar, mas que é possível de transformação por meio das vivências, regidas pelo modo em que atua na sociedade, ou seja, a disciplina em que Freire prioriza como elemento norteador para encontro da real liberdade:

A liberdade é algo que nós mesmos criamos — ela é nossa própria criação, ou melhor, ela não é a descoberta de um aspecto secreto de nosso desejo. Nós devemos compreender que, com nossos desejos, por meio deles, instauram-se novas formas de relações, novas formas de amor e novas formas de criação. (FOUCAULT, 2004, p.260)

Pode analisar que o medo da liberdade citada por Freire está transposto na classificação de Foucault, ao mesmo tempo em que os autores são antagônicos, eles dialogam, pois, a disciplina de Freire é libertária, necessária para que os sujeitos desfrutem realmente de sua liberdade, com respeito, limites, ética e criticidade, ao retomar a Foucault, relacionamos o medo

de ser livre, pois o indivíduo está condicionado exuberantemente sobre esta disciplina empoderadora, que as atitudes, gestos e pensamentos são limitados pelo controle imposto.

Quando citamos ter uma liberdade ética, dialogamos em torno dos autores, pois, Foucault (2012, p.269), parte do princípio em que “a liberdade é a condição ontológica da ética. Mas a ética é a forma refletida assumida pela liberdade. [...] pois o que é a ética senão a prática da liberdade, a prática refletida da liberdade? Freire refere-se a disciplina como parte inseparável da liberdade, os dois autores fundamentam-se em uma estrutura ontológica em que se tenha como resultado, a prática da liberdade.

Retomando ao contexto escolar, os autores também convergem, quando discutido a disciplina no espaço escolar. A escola permeia-se em preceitos, os quais, muitas vezes são subsidiados de autoritarismo, o qual emerge-se de controle sobre os alunos. Deste modo, a disciplina de Freire é necessária, tanto para os professores quanto aos alunos, está disciplina estabelece os limites, a normatização, crescimento e andamento da instituição, porém quando a disciplina é regida em voga da mecanização, da utilização, produção e coerção, ela exclui as possibilidades da liberdade do ser mais⁵, e em certo ponto possibilita a liberdade, mas essa conduzida pela indisciplina, autoritarismo e a evasão escolar.

Para tanto, a convergência entre os autores sobressai na postura a qual a disciplina é vista, ou seja, as duas são existentes no âmbito escolar, uma necessária, a outra imposta, não dialoga no sentido conceitual, todavia regem da mesma vivência em espaço e tempo real. Ademais, Freire (2001, p.44) refere-se o cuidado ao iludir-se com práticas educativas para a responsabilidade, ela não se equivale como prática em busca da liberdade:

Não há educação para a libertação, cujos sujeitos atuem coerentemente, que não seja imbuída de forte senso de responsabilidade. O antagonismo não se dá entre a prática educativa para a libertação e a prática educativa para a responsabilidade. O antagonismo se verifica entre a prática educativa, libertadora, rigorosamente responsável e a autoritária, antidemocrática, domesticadora.

A educação nesta perspectiva se iguala a uma educação disciplinar em que Foucault refere-se à conduta rigorosa, alinhada e estipulada. Freire busca a liberdade subjetiva, e não os interesses dos dominantes sobre as práticas que envolvam a responsabilidade domesticadora, sem sentido e significância.

⁵ Capazes de nos perceber seres inacabados, inserir-se em movimento permanente de busca e de procura. Processo de busca da completude da vocação de **ser mais**, sem distorce o processo de humanização constante. (FREIRE)

Neste sentido, Freire (2001, p.46), destaca em torno da docência as procedências das práticas progressistas e autoritárias:

O educador progressista é leal à radical vocação do ser humano para a autonomia e se entrega aberto e crítico à compreensão da importância da posição de classe, de sexo e de raça para a luta de libertação, [...] para o educador autoritário é fundamental que a maioria de dominados não se reconheça como maioria, mas se dilua em minorias enfraquecidas.

No entanto, o sujeito quando livre é criador de sua própria história, ela tem sentido e coerência, nesta perspectiva, o espaço escolar deveria projetar um discurso eloquente às práticas pedagógicas, confluyente a emancipação dos alunos, que os possibilitem irem além do ensino programado, serem criativos, determinados a buscarem sempre o saber e se reconhecerem como parte integrante de toda sociedade, de modo democrático e esperançoso, pois, de acordo com Freire (2013, p. 52) o sentido de ser humano se refere como: “Gosto de ser gente porque, inacabado, sei que sou um ser condicionado, mas, consciente do inacabamento, sei que posso ir mais além dele. Esta é a diferença profunda entre o ser condicionado e o ser determinado.”

As relações de poder percorrem os corredores escolares, os docentes hierarquizam-se pela dominação, autoritarismo e poder. O autoritarismo dos professores condiciona os alunos a permanecerem alienados e programados para o disciplinamento do corpo. A escola, neste sentido, acarreta-se em normalização e regulamentação dos sujeitos. Freire e Foucault afluem na mesma perspectiva, quanto a ruptura da opressão dos sujeitos, Freire busca romper o poder opressor por meio de práxis inovadoras, em que a prática democrática permeie o campo da educação e assunte resistência a dominação. Foucault incide em detalhar um sistema minucioso de regimento da dominação em espaços hierárquicos, ou seja, apresenta os processos de adestramento disciplinar na formação de sujeitos, com isto Foucault pretende corromper esta linha opressora apresentando como é injetado o poder hierárquico.

A prática libertadora prove de ações contra as ideologias dominantes, os autores evidenciaram como os indivíduos passam a serem considerados como objetos quando enquadrados a um molde proposto. O imobilismo ratifica a dominação, as práticas muitas vezes estão imbuídas de reprodução, as quais isolam, codifica e monitora os alunos. A ação busca movimentar os sujeitos na busca da resistência contra todos os tipos de opressão, busca conscientizar, direcionar e fomentar o senso crítico, quando as práticas educacionais forem nesta direção, será evidenciado o poder, não o controlador e dominador, mas o poder de cada um viver na liberdade do seu ser.

A educação é o único caminho para conduzir os sujeitos à liberdade, deste modo a prática educacional deve manifestar equidade quanto ao seu discurso, pois, “a liberdade é concebida como o modo de ser o destino do Homem, mas por isto mesmo só pode ter sentido na história que os homens vivem. ”. (FREIRE, 1967, p.6).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Observou-se no decorrer da pesquisa que as instituições escolares apresentam em sua estrutura, alicerces dominantes decorrentes das práticas educacionais tradicionalistas. O espaço escolar promove relações de poder concentradas em dispositivos de coerção disciplinar, ou seja, por meio do currículo, são premeditadas ações enrijecidas de dominação sobre o aluno.

Porém, com base nos autores pesquisados, percebe-se a centralização da disciplina com diferentes significados, no ladear das abordagens verifica-se quão importante é a concepção disciplinar tanto para Freire o qual possibilitou compreender a disciplina como libertadora, contra a opressão e Foucault o qual apresentou as minúcias da disciplina dominadora e domesticadora.

Neste sentido, com base nos estudos desenvolvidos, compreendeu-se como o processo da disciplina empoderadora erradica a libertação dos alunos, promovendo tensões que acarretam muitas vezes na desistência dos alunos das instituições de ensino. Contudo, por base das bibliografias pode-se realizar uma analogia entre os conceitos dos autores e de modo hermenêutico transpor estas concepções para a realidade atual.

Os objetivos foram alcançados com base na pesquisa e leitura das obras dos autores, Freire e Foucault, os quais em diferentes obras abordam os conceitos elementares desta pesquisa, as tensões propriamente discutidas foram destacadas como resultantes das hipóteses explanadas, se dá a partir da disciplina e da liberdade, e promove-se tanto pelas práticas, tradicionalistas ou libertarias.

As escolas são tradicionais desde sua estrutura até seu currículo, ainda são relevantes o poder e o controle, à docência ainda perpassa por fatores que determinam condição do indivíduo, mantém os alunos oprimidos, sem criticidade ou capacidade de se pronunciar, promovem uma pedagogia voltada ao silêncio, a regras e normas, ou seja, a postulação da disciplina.

Sendo assim, dialogar com Freire e Foucault possibilitou pensar a educação em duas vertentes, pedagógica e filosófica, e refletir como a interação da disciplina pode ser heterogênea, com significados opostos. Ainda assim, a pesquisa apresentou como lidar com as tensões premeditadas pelas disciplinas. Freire possibilitou pensar e agir em proposta democráticas e dialógicas e, assim promover a autonomia e a efetividade de uma educação transformadora e Foucault evidenciou como a disciplina emerge mecanismos de poder e subalternização dos sujeitos.

Desta maneira, fica notório como a disciplina está em voga do contexto escolar, muitas vezes, intrínseco ao espaço e subjetivado aos sujeitos. A tríade, dominação autoritarismo e licenciosidade devem ser eliminadas no espaço escolar, sem dominação não se tem opressão, sem o autoritarismo se tem a liberdade e sem a licenciosidade se tem a disciplina. Desta forma, salienta-se que a escola é historicamente disciplinar, porém sua conduta vai além de sua historicidade, o tradicionalismo hierárquico ainda provém das práticas pedagógicas, além da vigilância do espaço com conduta disciplinar.

Contudo, identifica-se que além do dogmatismo escolar se tem a resistência, a luta contra a maquinaria do poder e as práticas autoritárias, buscando –se assim a libertação dos sujeitos, a busca pela real democracia até a chegar a emancipação. Assim, é necessário a problematização da educação e a análise de seu discurso, por meio de questionamentos nos tornamos críticos e conscientes.

É nestas tensões entre disciplina e liberdade que se pode verificar a escola de forma mais tradicional, como a partir disto, avançar na perspectiva que a liberdade pressupõe esta disciplina, pois, a liberdade só existe quando a disciplina for existente no espaço escolar, assim como a autodisciplina deve existir. A disciplina evidencia-se como existente no campo educacional, porém a sua aplicabilidade é que se mensura como autoridade e autoritarismo, neste processo, a disciplina deve ter autoridade sobre todos que compõem a interação de um espaço.

Promovem-se tensões quando discutido sobre liberdade e autoridade nas escolas, logo, com base na pesquisa compreende-se que a disciplina propicia o equilíbrio, sem autoridade ou disciplina não se tem o espaço escolar, o currículo e as práticas devem ser revista quanto sua conduta. Não perpassa por nenhum segundo, permanecer a escola como espaço de autoritarismo ou de centralismo do poder, mas de promover a disciplina em busca de uma liberdade real, não castrada pela falta de ética ou pela licenciosidade.

A liberdade dos educandos é resultante das práticas pedagógicas e do envolvimento do espaço escolar, a liberdade é um processo construído por meio de ações, e rupturas do poder, quando somos conscientizados, somos capazes de abdicar o que nos posiciona como oprimidos e assim dialogar em uma vertente libertadora.

Com base no diálogo entre os autores, pode-se analisar as condições existentes no espaço escolar e abordar cada autor em uma perspectiva, a escola tradicionalista, nunca será um espaço libertador, de construção e modificações, geralmente são regidas de autoritarismo e de disciplina, porém a disciplina aqui mencionada, é a da estruturação do indivíduo como um molde para aplicabilidade na sociedade, promovidos de utilidade e docilidade. A ética

disciplinar, pode ser considerada como um compromisso educacional para com os alunos. O sucesso escolar intensifica-se quando se parte da premissa que o aluno é o sujeito ativo do processo de construção do conhecimento, e proeminentemente deste saber, resistir as existentes relações de poder, em que castram e detém o saber.

Muitos conflitos surgiram no perpassar da pesquisa, as contradições entre as ideias dos autores foram grandes, porém, ao decorrer do estudo, pode-se dialogá-los e transpor os conceitos para a realidade escolar. A tensão promovida se deu por meio das contradições dos conceitos e como ele convém do âmbito escolar. O poder de Foucault é desígnio da liberdade, para se ter poder, deve haver sujeitos com liberdade, porém a disciplina de Foucault situada no tradicionalismo imobiliza o indivíduo, como referido, insere os alunos em uma condição de medo da liberdade, já Freire apresenta que a disciplina é evidente para a liberdade, para sermos livres devemos ser disciplinados, como teríamos uma escola sem disciplina, sem horários, prazo para entrega de trabalhos, limites, estes exemplos, são pertinentes à busca de uma educação libertadora, se o educador não permitisse este senso de organização e pontualidade ele estaria sendo licencioso com a sua prática e jamais chegaria a prática libertadora.

Contudo, é preciso que a educação se constitua no exercício da criticidade, na democracia, com lutas contra o poder que nos enquadra, que as aç'ões do espaço escolar promovam a liberdade dos alunos, que a disciplina intitulada seja a direção para que os sujeitos busquem a resistência aos discursos medíocres socialmente existentes.

Nesta perspectiva, ao final desse Trabalho de Conclusão de Curso, baseado em um estudo bibliográfico, pode-se concluir, que o assunto dissertado é de grande valia, pois ainda rege o campo educacional. Podendo assim, além da análise bibliográfica, como quesito realizar uma pesquisa de campo nas escolas, para evidenciar como se encontra os conceitos abordados e assim abranger e complementar a análise, contribuindo ao diálogo proposto. Espera-se que o estudo apresentado, auxilie em novas pesquisas e contribua para a busca de uma educação libertadora.

REFERÊNCIAS

GHIGGI, Gomercindo. A autoridade a serviço da liberdade: diálogos com Paulo Freire e professores em formação. **Perspectiva**. Florianópolis, v.19, n.2, p. 469-492, jul. /dez.2001.

COLLING, Ana Maria; ANDREOLA, Balduino A. Diálogos impertinentes entre Freire e Foucault. In: FREITAS, Ana Lúcia Souza de; PEREIRA, Thiago Ingrassia (Org.). **Paulo Freire: em diálogo com outros (as) autores (as)**. 1. ed. Passo Fundo: Méritos, 2014. cap. 6, p. 117-141.

DANELON, Márcio. A infância capturada: escola, governo e disciplina. In: RESENDE, Haroldo de (Org.). **Michel Foucault: O governo da infância**. Belo Horizonte: Autêntica, 2015. cap. 12, p. 217-239.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

_____. **A ordem do discurso**: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Campinas: Loyola, 1996.

_____. **Vigiar e Punir**: Nascimento da Prisão. 20. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

_____. A ética do cuidado de si como prática da liberdade. In: _____. **Ditos e escritos: Ética, sexualidade, política**, v. 5. Org. Manoel B. da Motta. Trad. Elisa Monteiro e Inês Autran D. Barbosa. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012. p. 258-280.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade** . 1. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

_____. **Ação cultural para a liberdade e outros escritos** . 5. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

_____. e SHOR, Ira. **Medo e Ousadia: O cotidiano do professor**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

_____. **Pedagogia do Oprimido**. 22. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

Freire, P. Dialogando sobre disciplina com Paulo Freire. In: D'ANTOLA, Arlette (Org.). **Disciplina na escola: Autoridade versus autoritarismo** . São Paulo: EPU, 1989. p. 1-12.

_____. **Pedagogia da Esperança: Um reencontro com a pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

_____. **Professora sim, tia não: Cartas a quem ousa ensinar**. São Paulo: Olhos d'Água, 1997.

_____. **Pedagogia da Indignação: cartas pedagógicas e outros escritos**. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

_____. **Política e Educação: ensaios**. São Paulo: Cortez, 2001.

_____. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. 44. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

GAMBOA, Silvio Sánchez. **Pesquisa em educação: Métodos e Epistemologias**. 1. ed. Campinas: Argos, 2006

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

_____. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 4. ed. Atlas. São Paulo. 1994.

KHOURI, Ivonne. Disciplina x Antidisciplina. In: D'ANTOLA, Arlette (Org.). **Disciplina na escola: Autoridade versus autoritarismo**. São Paulo: EPU, 1989. cap. 3, p. 41-46.

LIMA, Telma Cristiane Sasso de; MIOTO, Regina Célia Tamasso. **Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica**. Revista Katalysis, v. 10, p. 35-45, 2007.

MAFRA, Jason. A conectividade do presente com a história em Freire e Foucault. **Revista Múltiplas Leituras**, v.1, n. 2, p. 36-46, jul. / dez. 2008.

MINAYO, M. C. S.O trabalho de campo como descoberta e criação: o desafio da pesquisa social. In: (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 21. ed. Petrópolis: Vozes, 1994.

REVEL, Judith. **Michel Foucault: conceitos essenciais**. São Carlos: Claraluz, 2005.

SCOCUGLIA, Afonso Celso. Origens e prospectiva do pensamento político- pedagógico de Paulo Freire. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 25, n. 2, p. 25-37, jul./dez. 1999

VEIGA NETO, Alfredo. **Foucault & a Educação**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

Vocação do ser mais. Entrevista com Paulo Freire. 2'08". Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=DO8O12ByrF8>>. Acesso em novembro de 2017.